

Encontro Inter-regiões - Centro-OesteCentro-Oeste - Evento virtual
De 1 a 31 de outubro de 2020**EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO**

INSCRIÇÃO	00045
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal de Mato Grosso
CAMPUS	Cuiabá
CIDADE	Cuiabá
UF	MT
CATEGORIA	JO
MODALIDADE	JO04
TÍTULO	Revista Laboratorial Fuzuê
ESTUDANTE-LÍDER	Francisca Vilar Sousa
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Comunicação Social - Jornalismo

COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:

Aline Maciel da Silva (Universidade Federal de Mato Grosso); Isadora Pereira Dias (Universidade Federal de Mato Grosso); Lariça Luzia de Oliveira Souza (Universidade Federal de Mato Grosso); Liz Paola Brunetto (Universidade Federal de Mato Grosso); Lucas Ribeiro Barbosa Cruz (Universidade Federal de Mato Grosso); Pedro Augusto Elias Cardoso Pereira (Universidade Federal de Mato Grosso); Sarah Cristina Mendes de Oliveira (Universidade Federal de Mato Grosso); Vitória Gomes Pereira da Silva (Universidade Federal de Mato Grosso); Yan Lucas da Silva (Universidade Federal de Mato Grosso); Éverton Daniel de Campos Anunciação (Universidade Federal de Mato Grosso); Tuani Awade Nunes da Mata (Universidade Federal de Mato Grosso); Tamires Ferreira Coêlho (Universidade Federal de Mato Grosso)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

A Fuzuê é uma revista laboratório criada em 2014 no curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá, produzida na disciplina "Jornalismo de Revista" e que tem sete edições publicadas até 2019. A revista teve uma pausa de dois anos após as três primeiras edições, retomando suas atividades em 2018/1. Atualmente, o curso da UFMT passa por uma transição curricular, portanto, há duas grades ativas, produzindo desde 2019/2 duas edições da Fuzuê por semestre letivo. A revista é voltada, desde a primeira edição, aos temas de Cultura e Esporte, com pautas e personagens que traduzem a gente mato-grossense. Apesar das diferenças entre as edições, produzidas por turmas distintas, há uma linha editorial comum, com foco em lugares, pessoas e experiências que conectam identidades constitutivas da Baixada Cuiabana. O linguajar típico da região também faz parte da identidade da revista, incorporado aos nomes de suas editorias. À exceção das seções destinadas a crônicas e críticas culturais, cada editoria é nomeada com uma expressão típica do chamado "cuiabanês": Até na orêia, Corre Duro, Digoreste, Disquê, Festá, Ixpia lá, Nha cá e Que(m) que é esse. A 5ª, 6ª e 7ª edições da revista, publicadas em 2019/1 e 2019/2, trazem pautas que nos fazem mergulhar em algumas das faces culturais da região, muitas vezes desconhecidas. Alguns elementos característicos da Fuzuê são as pautas marcadas pela sensibilidade e afetividade diante dos diferentes cotidianos e realidades, destacando um protagonismo feminino constantemente negligenciado na mídia hegemônica da região. A jornalista Eliane Brum (Em Questão, 2011, p.311), em entrevista concedida a Agnes Mariano em "Eliane Brum e a arte da escuta", afirma que "não estamos escutando apenas palavras durante uma entrevista, mas toda a complexidade do momento". Um dos pontos marcantes da Revista Fuzuê é o detalhamento das histórias, espaços e características dos personagens, fornecidas pelas observações de estudantes que buscam viver experiências relacionadas ao que vão escrever, do entrevistador atento. A apuração das informações é presencial, sendo possível a exposição dos sentimentos e visões próprias do jornalista acerca da linguagem corporal dos entrevistados, gerando um conteúdo amplamente descritivo e humanizado. Brum (2011, p.310) enfatiza a importância da entrevista pessoal para o momento da escrita: "quando a pessoa fala, ela fala também com seu corpo, fala com seu olhar, fala com seus gestos, fala com um monte de coisa". Na 5ª edição, as páginas estabelecem um forte vínculo com a história cuiabana: os doces antigos e populares, a tradição das redeiras de Limpo Grande e a dança do lambadão contrastam com histórias não tão conhecidas, como a dos raizeiros do Centro de Cuiabá, a das merendeiras afetuosas nas escolas e a do fotógrafo que traz o corpo masculino em sua completa crueza. Na 6ª edição, são expostos

traços de uma cultura "underground": seus grafiteiros, narradores de futebol de várzea e suas divas drag queens que agitam as noites cuiabanas há tempos. Já na 7ª edição, os leitores entram em contato com a diversidade cultural e de histórias de uma Cuiabá formada por migrantes (chamados de "paus-rodados" no linguajar cuiabano). A viola de cocho, um dos maiores símbolos da música mato-grossense, contrasta com a musicalidade de cantoras de estilos musicais não tão populares no estado, mas que lutam por espaço. Em todas essas edições é possível notar que o "tradicional" e o novo convergem para representar um mesmo povo, seja no lambadão dançado por gerações, seja na emergência do lambatrans e do lambagospel, ou no surgimento da guitarra de cocho. A cultura local reconhece a necessidade de mudar. Nas três edições, as pautas de esporte apresentam as histórias de tradicionais práticas esportivas, como vôlei, basquete e bocha, que chegaram há décadas às terras cuiabanas, mas também trazem atividades menos difundidas como a lira circense e o krav maga.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

Como uma revista local segmentada que aborda a cultura e o esporte de Cuiabá e região, a Fuzuê articula, nos textos, elementos literários para "potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos", conforme Felipe Pena (Contracampo, 2007, p.43) no artigo "O jornalismo literário como gênero e conceito". A Fuzuê é um veículo jornalístico informativo e de entretenimento. No aspecto jornalístico, uma revista tem como principal função abordar temas relevantes de maneira mais aprofundada e com maior riqueza de detalhes. Já no que tange ao entretenimento, revistas comumente abordam seus temas de modo mais criativo e descontraído, quando comparadas a um jornal diário ou outros produtos, de modo a prender o leitor naquele texto, criando um vínculo afetivo com o tema. O jornalismo de revista possui diversas particularidades que o diferenciam do jornalismo diário, uma delas é a segmentação. O texto para revista difere do texto jornalístico factual, sabendo exatamente para quem seu texto se dirige e por quem será lido. Essa característica de segmentação confere ao veículo uma relação de maior proximidade com o leitor. Existem diferentes tipos de segmentação, de acordo com Marília Scalzo, na obra "Jornalismo de Revista", destacamos na Fuzuê a segmentação "por geografia (cidade ou região)" e "por tema (cinema, esportes, ciências...)" (Ed. Contexto, 2011, p.49). De acordo com Mariana Cerigatto (Extraprensa, 2015, p.43), no artigo "O papel do jornalismo popular e a relação com a cultura popular", "para temáticas de diversidade cultural, o caráter reflexivo é de extrema importância. Fazer com que o público reflita sobre uma determinada cultura, um povo, uma manifestação cultural e popular reforça o combate a preconceitos e à intolerância entre culturas diferentes". Isso pode ser visto em várias reportagens das edições da revista, como no especial da 6ª edição sobre as divas cuiabanas e na entrevista com grafiteiros. De acordo com Frederico Tavares (Contracampo, 2012, p.112), no artigo "Sobre jornalismo de revista e seu infinito singular", é necessário se atentar a dar sentido ao leitor: "além da ideia de singularidade, a necessidade de se pensar esta em relação à universalidade e particularidade, tomando as três esferas indissociáveis para uma leitura da realidade que fuja de uma 'ideologia burguesa' e que consiga olhar o real como um todo que não seja apenas um agregado de partes, de fenômenos destituídos de nexos históricos e dialéticos". O glossário na reportagem sobre drag queens contextualiza palavras e expressões que possam causar estranhamento em parte de um público que é relativamente diverso. É possível notar que o jornalismo de revista traz uma série de descrições de espaço, de tempo e das personagens envolvidas na narrativa, fazendo com que o leitor viaje junto ao repórter na história que está sendo contada. Para Ricardo Kotscho, no livro "A prática da reportagem" (Ática, 2000, p.16), a função do repórter é "colocar-se no lugar das pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo". Na reportagem sobre as vilas de Cuiabá, por exemplo, há necessidade da descrição para que o leitor consiga visualizar o espaço como se estivesse ali, além de contribuir com uma leitura mais crítica e menos mecânica. Além da abordagem teórica, houve observação e acesso a várias revistas que pudessem oferecer referências estéticas e temáticas. Não há em Mato Grosso revistas jornalísticas que abordem esporte e cultura, de forma que revistas de outras regiões como Corner (Rio de Janeiro) e Revestrés (Piauí), além de revistas laboratoriais de outras universidades, se tornaram importantes referências.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

A Fuzuê tem periodicidade semestral e permite aos discentes a prática da teoria com uma liberdade maior de escrita, se comparada a outros gêneros jornalísticos. A produção se inicia com aulas teóricas, passo indispensável para a qualidade do produto final. Durante essa etapa são levantadas discussões sobre o que é jornalismo de revista e a estrutura desse produto específico. São analisadas edições anteriores da revista e apresenta-se seu projeto editorial. São debatidas as etapas do processo produtivo, como o desenvolvimento da pauta, de técnicas de entrevista e a relação entre repórter e fonte. Para habituar cada aluno à escrita do gênero reportagem, a professora incentiva exercícios de descrição e a leitura de revistas com linhas editoriais distintas. Cada estudante elabora duas pautas, uma de cultura e outra de esporte, tendo em vista a proposta da revista. Uma aula inteira é destinada à reunião de pautas. Na sequência há a distribuição de funções para definir os repórteres de cada pauta e a organização preliminar dos espaços destinados às produções dentro da revista, como um mapa para se pensar o design do produto como um todo. Nesta etapa é aberta a fase totalmente prática da disciplina. Todo o processo de construção das reportagens é acompanhado pela professora e monitores. Assim que as revistas ficam prontas, é trabalho também dos alunos divulgá-las e fazer a distribuição dos exemplares. Pela internet, os discentes utilizam o Instagram (@fuzue.ufmt) e, no site Issuu (<https://issuu.com/fuzue.ufmt>), a revista é disponibilizada na íntegra para aqueles que não têm acesso ao produto físico, já que a tiragem é pequena: 200 exemplares na edição 5, aumentada para 300 nas edições 6 e 7. As revistas impressas são entregues aos alunos que elaboraram a revista para distribuição a fontes ouvidas nas reportagens, aos colaboradores da revista, pelos câmpus da UFMT e em museus, casas culturais e bibliotecas da região metropolitana. Há divulgação virtual e envio de exemplares para universidades de outros estados e regiões. As edições 5 e 6 são resultado de uma disciplina de 72h na qual foram feitas reportagens, fotografias, crônicas, propagandas e diagramação, além do planejamento das pautas de distribuição das tarefas. A 5ª edição contou com uma equipe de seis alunos e a 6ª, com 14, contando com colaborações pontuais externas às turmas. No caso da 6ª edição, por contar com um grupo maior, não houve sobrecarga de funções e foi possível experimentar referências gráficas de outras revistas, principalmente em relação à diagramação, tendo como principal inspiração a revista Traços (Brasília-DF). Diferentemente das demais edições, a 7ª foi produzida em uma disciplina de 32h, devido à mudança na grade curricular do curso, e contou com uma equipe de apenas cinco pessoas. Foram utilizadas algumas reportagens escritas na disciplina "Jornalismo Cultural". A 7ª edição inovou ao abrir espaço às críticas culturais escritas por estudantes do curso. Na diagramação foi utilizado o Adobe Indesign e na edição fotográfica foram usados o Photoshop e o Lightroom. A diagramação é supervisionada por um editor de arte, escolhido entre os alunos. A fotografia é uma marca importante em todas as edições e gêneros jornalísticos presentes na revista: mesmo crônicas e entrevistas são frequentemente ilustradas por fotografias. As edições 5 e 7 mantiveram-se visualmente mais próximas da 4ª edição, ainda que com modificações no projeto gráfico. A predominância de cores claras e o design leve são características marcantes no projeto gráfico dessas edições. A diagramação também varia levemente, fazendo com que cada texto, ainda que parte de um todo, tenha uma identidade própria. Já na edição 6 buscou-se uma diagramação mais próxima do tema da matéria de capa, diferenciando-se de outras edições, mas buscando ainda

manter determinadas marcas identitárias, como a identificação de editorias, a construção descritiva e humanizada dos textos e o estilo das fotografias.